

**D. Sebastião**

**É ALUNO DOS  
"PUIPILOS DO EXÉRCITO"**

(VER REPORTAGEM NAS PÁGS. 12 E 13)



**VIDA MUNDIAL**

**ILUSTRADA**

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

ANO V—N.º 259  
9 DE MAIO DE 1946  
PREÇO AVULSO 2\$00

# PANORAMA

**F**OI homenageada a mais velha operária da Companhia Portuguesa dos Tabacos.

Maria José, assim se chama a velhinha, tem 83 anos de idade e é tabaqueira há 73 anos. Entrou para a fábrica com dez anos e contam os colegas que era tão pequena que tinha de subir a um banco para chegar à mesa de trabalho.

Agora, reformada com os seus salários por inteiro, agraciada com a Ordem de Mérito Industrial e premiada com dez acções de cada uma das fábricas portuguesas de tabacos, a velha Maria José pensará que os homens não são tão ingratos como pensava e que todo o seu esforço magnífico, em 73 anos de trabalho intenso, não ficou, afinal, desfeito em fumo...

**A**NGOLA vai fornecer três mil cabeças de gado bovino ao Congo Belga.

Quem ler esta notícia poderá pensar, à primeira vista, que vamos ceder, generosamente, ao estrangeiro aquilo que nos sobeja. Mas não. Em Portugal a carne não chega para o consumo.

E o gesto, assim, passa de generoso a ser benemérito...

**M**ARGARIDA Lopes de Almeida realizou, no Teatro Nacional D. Maria II, o seu primeiro recital poético. Poetas grandes de Portugal e do Brasil — Júlio Dantas, Bastos Tigre, Olegário Mariano, o Conde de Monsaraz e outros, passaram nos seus versos magníficos, na excepcional interpretação da extraordinária Artista.

Margarida Lopes de Almeida, com o seu estilo próprio, inconfundível, foi a magnífica embaixatriz da Arte do seu país. E os portugueses que a ovacionaram, sentiram estar aplaudindo, com ele, o grande, o maravilhoso país de além Atlântico.

**I**NAUGUROU-SE, em Paris, o «Salon» de 1946, compreendendo pintura, escultura, arquitectura, gravura e artes decorativas. Este ano, o «Salon» não apareceu no Grand Palais, onde vai realizar-se uma exposição de automóveis, mas no Palácio de Nova-York, erguido à beira do Sena, quando ali se realizou, em 1937, a Exposição Internacional das Artes e Técnicas.

Mesmo sob o peso doloroso que a guerra deixou sob os seus ombros frágeis de capital do espirito, Paris não esquece que é Paris! Há ainda ruínas — mas já há exposições! Não terminou o calvário — mas a França continua!

**I**S estudantes franceses resolveram colaborar na reconstrução do seu país. E 2.000 jovens voluntários vão ser incorporados, após um mês de trabalhos preparatórios e de adaptação, nos grupos de trabalhadores adultos e serão empregados tanto na construção civil como na vida agrícola.

A mocidade da França só, assim, um grande exemplo ao mundo. O seu país precisa do seu esforço, e eles ofendem os olhos dos livros para empregar o esforço dos seus braços na reconstrução da sua Pátria!

**M**UITAS fábricas que, durante a guerra, produziram pólvora, vão, agora, produzir penicilina. Numerosos médicos já visitaram os futuros centros de produção e tudo se prepara para que, graças a tal medida, e de maneira decisiva, a produção do precioso medicamento.

Esta é uma imagem consoladora e segura da transição da guerra para a Paz... Em vez de pólvora — penicilina!

E oxalá essas fábricas não voltem a mudar para a sua industrial inicial...

DIRECTOR:

JOSE CÂNDIDO GODINHO

EDITOR:

PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE «VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA»

REDACCAO E ADMINISTRACAO:

RUA DA EMENDA, 69, 2. — LISBOA — TELEFONE 2 5843

COMPOSICAO E IMPRESSAO:

OFICINAS GRAFICAS BERTRAND (IRMAOS), LIMITADA  
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA



Os componentes da Secção de Estudos de Aeronáutica Militar, da Sociedade de Geografia, depois do acto de posse



O imperador Hirohito, o Deus caído, e a imperatriz, ouvem, pelo rádio, os resultados das primeiras eleições democráticas realizadas no Japão. A cena passa-se no palácio de Verão de Hieiama.

(Serviço Internacional «News Photos», exclusivo para «Vida Mundial Ilustrada»)



Olho o fotógrafo! Que quererá ele de mim?

E está a olhar-me fixamente! Terá o bibe sujo!

# VENDO O INVISÍVEL

Os cientistas conseguiram dar à humanidade a visão de um novo mundo, por meio do microscópio-electrónico, que nos permite ver seres com menos de um milonésimo de polegada.

Revelamos formas da vida, em vezes mais pequenas do que aquelas que se podiam observar até agora, e dá-nos a possibilidade de ver sem o auxílio da luz. As lentes são constituídas por magnetos, em substituição das peças de cristal. Em vez dum feixe de luz, um feixe de electões corre através das lentes magnéticas.

Já foi usado pelos cientistas ortónicos num largo campo de investigações, na análise do ar, das poeiras atmosféricas, no estudo do aço e da terra, na medicina e na agricultura.

A principal finalidade do novo instrumento era averiguar qual o tamanho, forma e estrutura de certos organismos que se sabia existirem nas plantas, no ar, no nosso corpo e no solo.

Os mais nocivos e misteriosos, dentre eles, são os vírus. As investigações realizadas pelo brilhante e jovem cientista Dr. F. M. Sherfield, em Rothamsted, acerca dos «vírus» levaram a conclusões que muito devem auxiliar a agricultura e a medicina.

Conseguiu, assim, ver-se, pela primeira vez, o «vírus da influenza». O seu tamanho é de 1/250.000 avos da polegada. O germe do streptococcus, causa das inflamações da garganta, forma um cordão semelhante à uma enfiada de pequeninos chouricos.

Um dos mais interessantes espectáculos fornecidos pelo novo microscópio é a batalha que se trava entre as bactérias nocivas à saúde e as suas antagonistas, a que, até agora, nunca tinha sido observado.

Estes bactericidas, como sabemos, são inoculados no nosso organismo como protecção contra certas doenças, tais como o tifo e as bexigas. Os cientistas chamam-lhe bacteriófagos. Têm aproximadamente 1/250.000 avos da polegada, apresentam-se munidos de uma cabeça com prolongamentos e possuem, também, uma delgada e curta cauda. Pode ver-se, no microscópio, a bactéria rodeada de bacteriófagos, que a atacam por todos os lados.



DOIS PESCADORES DE ILUSÕES, PARA QUEM A PRIMAVERA SORRI...

# HÁ SOL NO JARDIM!



Pronto! Agora vou ficar na foto caído no chão, como qualquer criança pequena!



...E assim já posso tirar um retrato decente, agarrada ao meu carro! Sim, porque eu — já tenho carro!

Felizmente, a mamã veio levantar-me...



Ah! Já percebo! Vai tirar-me o retrato! Tomemos uma atitude!

# Pintor Lino António

## COM FIDELIDADE NO RENASCIMENTO DA PARTE NACIONAL

### UMA ENTREVISTA COM O NOTÁVEL PINTOR E DECORADOR

**L**INO António ganhou pelo mérito da sua personalidade, pela independência da sua obra de artista, pela largueza de concepções que atesta na pintura e na decoração, um lugar saliente nas artes plásticas contemporâneas. Lugar que só a estreiteza do nosso meio restringiu em repercussões e influências, pois Lino António é dos modernos portugueses um dos que revela melhores dons para triunfar plenamente em qualquer grande meio. Possui a essência estética de um lírico e nela funde, com a forma clássica de composição, do espírito moderno mais audacioso, mais largo e mais compreensivo. Das suas figuras emana uma profunda verdade interior que se comunica fortemente a quem souber decifrar, sob a imobilidade ou o movimento, a alma que as determina. O seu fecundo interesse pelas figuras e ambientes populares distancia-o desse aristocratismo de fracos fundamentos que ainda subsiste em certos artistas de aparências inovadoras, meramente formais. Lino António é, realmente, o grande pintor da Nazaré, o intérprete mais rico e variado da vida material e moral dos pescadores em cuja intimidade sabe penetrar pela largueza do seu talento de expressão pictural.

Entre os pintores modernos já consagrados é este artista de vigorosa originalidade um dos que melhor têm compreendido e praticado o processo fundamental das composições de tese. Dentro da sua pintura se contém as concepções morais e sociais que perflita; mas há uma alma, um espírito voltado para os valores eternos da existência humana, que dos seus quadros e vitrais se exala e impõe. Nas teses das suas obras, Lino António põe muita audácia, mas também uma excepcional capacidade de atingir o que pensa o que representa plasticamente. Sendo um lírico na origem, um intelectualista no processo, é também um privilegiado dominador da técnica com notável poder de acerto entre a concepção e a execução.

A sua obra tem sido brilhantemente enriquecida nos últimos anos, atestando uma força criadora que nunca se deixa perder no vulgar. Os seus trabalhos de decoração na Assembleia Nacional e na Igreja de Fátima, os vitrais que compõe para a casa do Douro, na Régua, para a capela da Casa Ducal de Vila Viçosa e para a capela do arquitecto Carlos Rebelo de Andrade, à Estrela, são complemento valioso da sua obra de stúndio, já vasta e representativa. No retrato, no paisagem, na fantasia de significação psicológica, o seu cunho muito pessoal, corajoso e revestido afirma-se com idêntico vigor. «Balnearios», «Anidades», «Rapargas», «Esperando», «Cámpinos», etc., são grandes composições que definem poderosamente um grande artista. A excepcional capacidade de renovo e multiplicidade nos seus temas, asseguram a este pintor uma carreira de que podem esperar-se ainda mais notáveis revelações.

\*\*\*

Quisemos ouvir Lino António sobre alguns dos problemas que podem interessar mais, actualmente, na previsão e determinação do futuro das artes plásticas nacionais. Poucos pintores poderiam, neste momento, dar-nos opiniões mais representativas do que Lino António. Não nos enganávamos. Os seus juízos foram seguros, definidos e ricos de sentido, como a obra que tem criado. Começamos por perguntar-lhe o que pensa dos caminhos seguidos pelas novas gerações de artistas portugueses — questão debatida e capital para o futuro das artes plásticas entre nós.

— Evidentemente, nos últimos 30 anos tem-se operado um verdadeiro renascimento na Arte Nacional, não só na escultura, como é já lugar

comum dizer-se, mas igualmente na Arquitectura e na Pintura. Aparentando a pintura possibilidades de expressão muitíssimo mais vastas, que a escultura, esta entra com frequência no domínio do subjectivo; daí a incompreensão de uma grande parte do público e, por vezes, de determinada crítica, que teima em a colocar numa situação de inferioridade relativamente à escultura actual.

Chega-se mesmo a afirmar que a pintura é mais superficial (talvez por ser realizada numa superfície) que a escultura.

A profundidade de uma obra de arte depende fundamentalmente das qualidades de talento e de emetido do seu autor e nada mais.

Seria ridículo, para não dizer verdadeira ingratitude, negar grandeza e profundidade à obra de um Piero da Francesca, de um Andrés del Castanho, de um Picasso e de tantos outros... mas de ingrats está o inferno cheio e certo.

Na verdade, o que existe é uma natural inculcação na moderna Pintura, porém, inculcação universal. Que não se vejam nestas minhas afirmações quaisquer intenções despretensivas para os modernos escultores nacionais, por quem nutro a mais profunda admiração.

Todas as camadas têm necessidade de ser convenientemente preparadas e esclarecidas. Para esse fim parece-me indispensável a divulgação por todos os meios de esclarecimento singelos, claros, limpidos, da História de Arte; na escola, em jornais, em revistas, em conferências que devem ser realizadas essencialmente por artistas, pois é a estes compete criar o ambiente em que há-de viver.

A cultura geral no que se refere a artes plásticas (pois refere-se a outras manifestações de arte) é de tal ordem que é frequente ouvirmos a pessoas cultas sobre outros aspectos, os disparates mais extraordinários sobre arte.

— Achas que a arte moderna portuguesa progride no sentido de nos legar obras características?

— Sim. Mas é indispensável pôr de parte aqueles que levados por perniciosa sugestões literárias se desactualizam confundindo Pintura Moderna com pintura à moda e aqueles outros que ainda hoje vão buscar à pintura do fim do século passando e principiando, tudo quanto esta tinha de mau ou mediocre.

— Que missão lhe parece dever competir às artes decorativas dentro da vida actual, e que apoio lhe deve dar o ensino técnico?

— As artes decorativas, tiveram sempre a mesma missão em todas as épocas. Enribezeram, espiritualizaram, tudo o que nos rodeia — criar o ambiente necessário à vida do homem civilizado.

Certamente, ao ensino técnico compete não só apoiar as novas orientações das indústrias de carácter artístico, preparando os artistas e os artífices necessários a essas indústrias, levando-as ao sair da rotina e a criar obras que nos elevem perante a Indústria Artística Internacional. O assunto é, porém, muito vasto e complexo, tendendo em breve expô-lo no lugar próprio — a Escola de Arte Aplicada de Lisboa.

— Que influências estranhas admite em arte?

Só aquelas que condicionam toda a verdade da obra de arte — O meio e a Época.

— Gostaria ainda que nos desse alguma coisa sobre os temas que pensa realizar, sobre os trabalhos que tem em mãos, sobre projectos futuros.

— Prefero não falar de mim. O meu maior desejo é que a obra que vou realizar transmita toda a minha mensagem como artista e como homem, falando por mim...

Estudo para um vitral

CAMPINOS



ESPERANDO



RAPARGAS



Os rapazes estudam e lêem jornais



Um tribunal infantil. Um dos rapazes é acusado de vadiagem, e os outros três de pequenos roubos. As suas idades variam entre 13 e 15 anos.

# HÁ NO MUNDO CRIANÇAS QUE PADECEM DE FRIO E FOME!



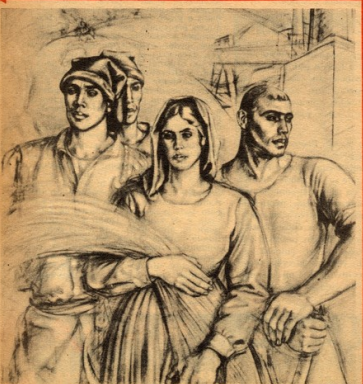
Dois crianças chinesas refugiadas no província de Kneighan aguardam o auxílio da Cruz Vermelha



Uma criança polaca come uma sopita num compartimento onde existem mais sete crianças na mesma situação



Dois garotos italianos acendem cigarros americanos com fósforos ingleses, provavelmente roubados aos soldados, não se sabe de que noção...



**A** guerra já acabou — mas não para as inúmeras crianças da Europa e da Ásia a quem faltam abrigos, comida e combustível.

Milhares de crianças andam nas estradas em busca dos seus lares — que talvez já não existam.

A falta de alimentos far-se-á sentir, até que as novas colheitas venham normalizar um pouco a actual situação económica.

A vida das crianças de Indianapolis decorria entre estudos, jogos e diversões, mas as preocupações trazidas pela guerra aos seus pais, acabaram também por se reflectir na vida delas. A delinquência infantil aumentou assustadoramente. Muitas crianças foram apanhadas a roubar, a atirar pedras e a bebericarem, enpoletradas nos altos bancos dos «bars». E a causa era sempre a mesma: negligência da parte dos pais.

O presente das crianças de Indianapolis não será mau de todo, mas o futuro que as espera é o mais incerto que têm tido as gerações nascidas durante os 125 anos de existência daquela cidade.

O destino do mundo reflectiu-se em Indianapolis desoladoramente.



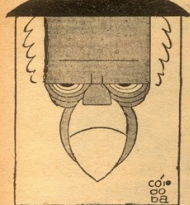
Famílias húngaras extenuadas, voltam o caso pela estrada de Linz-Viena

# PÁGINA LITERÁRIA

por Álvaro Saesma

## ENCONTRO DE PORTUGAL E DO BRASIL

**A** aproximação luso-brasileira tem sido servida por apóstolos e por especuladores — os que infelizmente se misturam nas diversas causas dos primeiros e faltam vez a formosuras suspeitas aos que pretendem sinceramente julgá-los. Apóstolos que partilham as horas boas e as horas más, que expressa e implicitamente se mostram desinteressados, que se aliciam de si próprios ante os fins maiores e de si se esquecem quando os objectivos estão alcançados. Especuladores que só têm prazer nas dignas já propícias e se casam, gesticulam e chegam a apodalar para a primeira fila e — parrucosa colina... — até queçam a ser úteis, revoltantemente úteis, por efeito do seu utilitarismo. O que é certo é que se quebrou já um pouco da barrica absurda que fazia julgar os brasileiros em Portugal pelos estatucos salios de torna-viagem e os portugueses no Brasil pelos adjeitos apovadores de pequenas ou grandes fortunas mais ou menos dignas. Para isso concorreram muitos dos apóstolos sinceros, alguma coisa os aproveitadores calculista e, mais do que tudo, o encontro espontâneo e natural dos que aspiram cá e lá a idénticos fins humanos. Só uma diferença fundamental de níveis se verifica neste último ponto: enquanto a literatura nova brasileira veio ao nosso encontro e nós a encontramos pelo conteúdo dos seus fins humanos e a qualidade da sua expressão, a literatura nova portuguesa, talvez não tendo pela índole dos fins, em muitos casos, mais pela pobreza da qualidade, está longe de conquistar o brasileiro que nos importa — o brasileiro que é, realmente, nosso irmão. Quanto de tempo, de circunstância, de sorte na gênese dos nossos valores literários, talvez — mas tempo que não se ultrapassou ainda, circunstância que não se realizou, sorte que não tivemos até agora. Nem dessemos e sermos a aproximação luso-brasileira se terdo sempre os bons apóstolos da aproximação luso-brasileira se terdo dada conta disto, encandeados pelo seu próprio esforço; e desas, no entanto, alguma coisa haveria a esperar, pela menos no esclarecimento deste caso tão característico.



A mais recente caricatura de Pio Baroja

«Las Inquietudes de Shanti-Andia» é uma das mais belas e sugestivas criações da literatura espanhola nos tempos modernos. Com ela quis representar Pio Baroja o espírito navegante e aventureiro da gente dos países bascos, sempre saturada de sonhos, de inquietudes e de fantasia. O romance vai ser transportado para o cinema, e um dos seus personagens mais curiosos vai ser, sem dúvida, a presença do próprio autor entre os intérpretes. No livro, é o próprio Baroja que escuta de Shanti-Andia a narrativa das suas experiências, apraiças e desencantos; e o mesmo vai reproduzir fielmente o momento apresentando o protagonista junto do seu criador.

O romancista será, pois, o intérprete de si mesmo — caso excepcional nas relações nem sempre felizes entre a literatura e o cinema. Além do interesse imediato do caso, há

## PIO BAROJA E O CINEMA

que considerar a sua significação perdurável: Pio Baroja ficou para o futuro em imagens vivas desta sua velhice melancólica, distanciada do mundo, um pouco francangida em que tem passado estes anos perturbados. Imaginemos o interesse que não teria para nós vermos em cinema as figuras autênticas de Eça de Queiroz, de Antero, ou de Camilo, para só falarmos dos que estão próximos de nós, mas já mortos.

Pio Baroja, porém, parece bastante contrariado com certos aspectos da sua participação no filme. Queixase em primeiro lugar, do reumatismo que não o deixa mover-se com a ligeireza dos seus tempos de andar rítho irritável, e repugna-lhe a exigência da enquadragem — sobretudo a circunstância de usar a cara — «em uma máscara gorducha que Baroja considera «desanimadora» nesta fase da sua vida. No entanto, já se sujeitou aos estudos prévios e interpretação que vai fazer e elaborou as verdadeiras definições dos diálogos, cuja texto foi plenamente aprovado por ele; mas resta saber se lhe agrada o rótulo de benévola ironia com que os jornais se lhe referem, intitulando-o «el novel actor de la pantalla Don Pio Baroja...»

## FAÇA PAPEL

★ A Livraria Figueirinhas, do Porto, publicou em tradução de Marta Mesquita da Câmara e com prefácio de J. A. Pires de Lima o livro do P. Guilherme Schmidt, «Amor, casamento e família» — estudo antropológico e sociológico inspirado na dogmática católica.

★ Da autoria do médico Dr. Ramiro da Fonseca está já à venda o estudo crítico e de divulgação «O que é a psicanálise», pequeno volume de texto acessível a todo o público sobre a discutida concepção. Editou-o a «Coleção Testemunhos», cujos onze volumes publicados formam já um valioso conjunto sobre problemas da actualidade.

★ Francisco Mano Preto Cruz publicou os dois primeiros volumes de uma obra de colaboração sobre Paiva Couceiro, em que se evocarão diversos aspectos da sua personalidade coerente e honrada. No primeiro está a figura de Paiva Couceiro como político, militar e colonialista; no segundo, o exemplo político de Paiva Couceiro. Obra sincera e muito pessoal, vem esclarecer pormenores pouco divulgados ou mesmo desconhecidos da vida do blog.º fado

## «PRESENÇA DO BRASIL, por João de Barros

Há trinta e quatro anos, a instabilidade do escritor elegantíssimo que foi Paulo Barroza de Barros fez João de Barros fol pela primeira vez ao Brasil solicitado pela visão antecipada de uma terra de energias latentes que contatasse o seu sonho de revigorador espiritual da gente portuguesa. Firmar-se dessa viagem recordações calorosas: e nela se marca o início de uma campanha de aproximação luso-brasileira que ninguém, até hoje, serviu como ele, com o entusiasmo de uma juventude inesgotável, o ardor sincero de um sentimento que não se satisfaz com metáforas, a verdade de um carácter sem tergiversações. Desde a conferência «A energia brasileira», proferida no Teatro da República em 14 de Novembro de 1912, até às palavras que escreveu no limiar deste livro «Presença do Brasil», João de Barros multiplicou-se em actos intelectuais, sociais e políticos devotados à sua causa aliciente.

Entre a turba dos que vêem na aproximação luso-brasileira um logradouro de interesses, de vaidades, a personalidade e a obra de João de Barros avultam pela inteligência, a sinceridade, a coerência e até o espírito literário que lhes anda naturalmente associado. Não ali declamam falsas dos patriotismos que pretendem, mas não conseguem convencer ninguém, da dependência indefinida do Brasil por efeito dos antecedentes históricos. Reconhece que o país novo de além-Atlântico tem a sua trajetória a seguir; que é a amizade e não a subalternidade ou, em pólo oposto, a hegemonia absorvente, o único caminho a perfilhar nas relações luso-brasileiras; e afirma com desassombro e seriedade que a literatura, a arte e o pensamento brasileiro se desenvolvem na definição da autonomia e se emanciparam da influência que, porventura, neles de perto ou de longe exercemos. São

literatura, arte e pensamento que — exceptuando a acção, em todos os países sentida, das correntes de mals do espírito — ergueram e traçaram os seus horizontes, delinearam e fixaram as perspectivas que mais lhe convinhão».

Esta compreensão fundamental resultou da aproximação serena das luso-brasileiras que encontramos em «Presença do Brasil» — repostilário de conferências, estudos, artigos de trinta e quatro anos. Serenidade que não exclui o entusiasmo, o ardor vigoroso, até a veemência manifestista deste homem que associa tão intimamente o lirico ao épico na sua feição poética; que é a feição dominante da sua natureza intelectual. Encontra-se neste livro alguma referência ao Decreto que sim — mas a referência que se origina fatalmente de todas as obras em que se põe um calor intencional e destinado a comunicar-se. Diz Ribeiro Couto que à acção de João de Barros na aproximação luso-brasileira se deve chamar de preferência «apostolado» e não campanha. E se há exageros, «fúrias românticas, exaltação, nestas páginas — é porque resultam de um fervor que não se condiciona às formas analíticas e críticas de expressão. Não há neste período o acedimento, ou a teatralidade, ou o convencionalismo dos outros literatos que se ocuparam em tantos outros obreiros mais ou menos interessados do estreitamento dos relacions espirituais entre Portugal e o Brasil».

O prefácio que Ribeiro Couto escreveu para este livro — como solicitação da sua publicação, tem a veemência comunicativa que caracteriza os seus textos — não só será muito exacto o qualificativo de «admonições» que aplica ao feito essencial de este livro, como o termo propugnador de energia, combatente de lirismo sonoro, viril apóstolo do desenvolvimento da definição da autonomia e se emanciparam da influência que, porventura, neles de perto ou de longe exercemos. São

«A LENDA DE RÁMA E SÍTÁ», por Telo de Mascarenhas

Com certo orgulho facta e historicista, para compensar decerto a sua presença entre povos de raça muito diferente, trazuluz e profaciou Telo de Mascarenhas, indiano de nascimento e educado em Portugal, a grande poema oriental «Râmâyana». Pode este empreendimento situar-se entre os de maior interesse na divulgação de motivos exóticos, que tão largo crédito encontra actualmente no público português. E não só pelo interesse intrínseco da obra, em que se revê a existência de uma cultura luso-indiana, mas pelo cuidado e gosto que se revelam na tradução efectuada por Telo de Mascarenhas. «A Lenda de Râma e Sítá» deve originar, evidentemente, muito da sua frescura e sentido. Telo de Mascarenhas é uma personalidade que conservou grande parte da originalidade e graça primavas devotando-se inteiramente ao estudo e ao trabalho, com entusiasmo e com qualidades literárias que não se fingem, e cuja realização formal que é uma tradução, se não escondem nem diminuem.

A velha Lenda Indiana, transmitida durante séculos na tradição oral, criada por grandes impressões do grande criações da epopéia do mundo colectivo, depara-se neste livro com toda a sua riqueza, com a fantasia e de emoção. Documento revelador da alma indú, com a sua genialidade e a sua força. Telo de Mascarenhas vem sempre sedutor, a «Lenda de Râma e Sítá» é uma obra prima que Telo de Mascarenhas vem revelar com devoção que é justo apreciar.

**PAPELA AÇUCAROS**  
RUA AUREA, 34-38 ~ LISBOA ~ TELEF. 2.0244  
Especializada em livros de escrituração e Artigos de escritório

# A "MARIA DA FONTE" NO TEATRO DA TRINDADE

## POR FERNANDO D'EÇA LEAL



Gervásio Lobato

Jaime Botelho Reis



Eça Leal

Mestre Augusto Machado

que lhes vou contar passou-se há muitos anos.

Meus pais depois de terem deixado de residir numa quinta no Lumiar, vieram instalar-se no n.º 3 da Rua Nova da Trindade, num pequeno prédio que fica junto ao Teatro do Gíndalo, e ali moraram muito tempo. Os amigos mais íntimos da casa, os amigos de todos os dias eram: Jaime Batalha Reis, com a sua farta cabeleira, a barba encaracolada, aloirada, miope, usando lunetas com aros de ouro, cheio de talento, exuberante de espírito e de alegria, amigo íntimo de Antero do Quental e de Eça de Queiroz; Gervásio Lobato, já careca nesse tempo, apesar de bastante novo, barba preta, luneta, forte, encorpado, radiando simpatia, talento e graça às carraudas, comedião-grafo dos mais notáveis, que o nosso teatro tem tido, cavacador adorável; e Augusto Machado, com a sua cabeleira desordenada e as suas finas barbas, que ele não largava, de pequena estatura, era o grande maestro da «Laureana», ópera que fez grande sucesso em França, na Itália e no nosso teatro de S. Carlos, e autor ainda de outras lindas óperas e operetas, a quem o grande maestro Massenet muito estimava e admirava.

Todas as noites se reuniam em casa de meus pais. Fazia-se então música, discutiam literatura, faziam projectos, arranjavam artigos para os jornais, tudo isto no meio de ditos de espírito de Gervásio Lobato e de Batalha Reis, os mais alegres e sempre bem dispostos. Meu pai, inspirado poeta e homem de teatro, e Augusto Machado, eram ambos de fêlto grave e concentrado, mas, é claro, que muitas vezes não podiam resistir às frases engraçadas dos seus companheiros.

Numa dessas noites, quando Batalha Reis apareceu, todos notaram nele grande exaltação.

Batalha, voltando-se para os seus amigos, passando a mão pela cabeleira, declarou-lhes que tinha passado toda a noite a architectar uma peça sensacional, em que todos iam colaborar, e acrescentou: «é o que vos digo, vamos fazer uma peça patriótica, intitulada «Maria da Fonte», a qual, tenho a certeza, vai dar que falar, e vai ser feita só em oito dias!»

Nessa altura, olharam uns para os outros desconfidados, imaginando que se tratava de uma brincadeira, pois que Batalha nunca tinha escrito para o teatro, e, caso curioso, nunca mais voltou a escrever.

— Em oito dias é impossível. Não pense nisso! — atalhou Gervásio.

Ao que Batalha, sem o deixar acabar, lhe expôs logo o seu projecto, dizendo: «impossível não é. Esta peça vai ser feita, meu caro Gervásio, como se fazem cadeiras! Tu escreves a parte cômica, eu a revolucionária, o Chico (meu pai), os versos, e o Machado a música. Depois juntamos tudo, e... pronto, está a coisa cozinhada. Temos que lhe dar uma dose de patriotismo, e de tiradas de fazer levantar a plateia. Tenho a certeza que o público vai vibrar!»

Augusto Machado, que até ali se tinha conservado calado, interveio, dizendo:

— Sabes, Jaime, que tenho um certo receio!

— Receio de quê?

— Que o público vibre demais! — acrescentou o maestro, retorcendo a barba.

— Deixa-te disso. Não podes deixar de concordar de que o assunto é admirável! E agora, bons amigos, mãos à obra. Agrademo-nos todos à heroica Maria da Fonte!

Assim o fizeram. Foi uma tremenda tarefa, mas conseguiram que a peça estivesse pronta no fim de oito dias!

Batalha Reis, com ela debaixo do braço, e seguido dos seus colaboradores, avançou para o escritório de Francisco Palma, o intelligentissimo empresário do Teatro da Trindade, de quem ainda hoje se contam inúmeras histórias cheias de graça.

Depois de a ter ouvido ler, Palma foi de opinião que se tratava realmente de uma peça interessante, mas achava arriscado pô-la em cena naquela época. Havia no povo uma certa agitação e, portanto, era mais prudente esperar por uns tempos mais calmos...

Estabeleceu-se sobre este assunto grande discussão a qual acabou por o empresário a ter acatado.

A companhia do Trindade era composta por um núcleo de artistas do melhor que havia no seu género de ópera cômica e de opereta. Faziam parte dela Florinda, alta, forte, com uma bela voz. Era uma artista de valor e muito querida do público. Ana Pereira, grande actriz em todos os géneros, a qual no fim da sua carreira, já com bastante idade, ainda criou magistralmente o papel da «Marcheala». Amélia Barros, famosa característica, uma das mais engraçadas que tem apparecido nos nossos palcos. A formosa Josefa de Oliveira e a Rochedo. Dos homens, Lione, o grande cômico, o qual durante a sua longa carreira só conheceu successos. Queiroz e Portugal, com as suas belas vozes e boas figuras. Ribeiro, actor consciencioso. Silva Pereira, que representava com muita naturalidade e graça, e para quem Gervásio Lobato, quando mais tarde ele foi para o Gíndalo, destinou sempre, nas suas comédias, um bom papel. Era um artista muito estimado. Recitava em todas as festas e benefícios o mesmo monólogo, intitulado «A zinha familiar», que toda a gente já sabia de cor. Verdão, que tomou parte na revolta do Porto, o qual fez quase toda a sua carreira de actor naquela cidade, e o gordo e engraçado Augusto, que muito mais tarde fez um grande successo no «Cabo de Ordens» do «Brazilheiro Pancreático». Foi muitas vezes «ite!»... nas mágnicas, nas quais era irresistível de graça.

Anunciada a primeira representação da «Maria da Fonte», espalhou-se logo que os republicanos se preparavam para grandes manifestações, aproveitando a ocasião para desabaformar.

Chegou-se, enfim, à récita, e o teatro estava à Cunha. O público mostrava-se impaciente. Havia qualquer coisa no ar!

Os autores, no palco, esperavam, com calma, os acontecimentos.

O plano desceu no fim do primeiro acto, sem se ouvir uma palma.

No meio do segundo, a seguir a umas tiradas um pouco revolucionárias, e que começou o temporal! Tumulto. Acto interrompido várias vezes, e autores e no fim pateados violentamente.

No palco, Batalha Reis gesticulava. Gervásio ria. Meu pai e Machado, aborrecidos com o que estava passando. Mas o pior estava guardado para o último acto.

Quando Florinda, que desempenhava o papel de protagonista, appareceu vitoriosa, agarrada à bandeira, cantando, à frente do povo, o hino da «Maria da Fonte», então é que foram claes Ribentoux uma verdadeira revolução, mas desta vez foi em todo o teatro! Cadeiras em estilhaços, bengaladas a torto e a direito, tudo isto numa gritaria louca! Polícia, prisões, o diabo a quatro!

Os autores, muito à sacupa, saíram-se, um a um, pela porta do palco, que dava para a rua de S. Roque (hoje da Misericórdia), e foram-se encontrar na casa de meu pai, onde cearam e discutiram os acontecimentos daquelle memorável noite. A cavaveira prolongou-se até de madrugada. Gervásio, a páginas tantas, voltando-se para Batalha Reis, foi-lhe dizendo: «Lembra-te, Jaime, da tua frase, que havíamos de fazer esta peça como se faziam cadeiras? Mas, afinal, fizemo-la para se escavacarem cadeiras! E se as nossas costelas estão inteiras devemos esse milagre a S. Roque!»

— A S. Roque? — perguntaram todos.

— Sim — continuou Gervásio — se não fosse a porta que dá para a rua desse bom santo, estavamos todos a esta hora a ceiar... mas no hospital!

— Acreditem vocês — atalhou Batalha Reis — que no meio disto tudo, de quem tenho pena é do Francisco Palma, que leve agora, coitado, a enorme despesa de uma plateia nova. E vocês já ficam sabendo que nunca mais diante dele poderemos falar da nossa infeliz «Maria da Fonte», que tão cara lhe custou!



A actriz Ana Pereira

O actor Portugal

O actor Queiroz

O actor Leoni

\*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*  
**Para si, minha senhora...**  
 MODELOS ORIGINAIS  
 DE ARMINDA PEREIRA  
**5** Exclusivo de "Vida Mundial Ilustrada"  
 \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*



1



2



3



4



5

1) Lindo chapéu em palha ou seda pregueada, azul escuro, ornada de flores em vários tons de azul pastel. Vêu no mesmo tom. 2) Mimosa e elegante chapéuinho em palha de fantasia ou renda engomada com a copa ornada de flores e laçada de fita de veludo descendo atrás em quatro longas pontas. Bracelate condizente. 3) Uma grande aplicação segura o pregueado da aba deste feltro preto. Vêu claro e bastante amplo, lançado para trás. 4) Juvenil e aconselhável num perfil correcto este original modelo genêro touca. Uma delicada grinalda bordada guarnece a copa, bem ajustada. 5) Feltro prático em dois tons de bege. Fio e fita com nervuras em vez.

Estão a olhar para si



fulgura nos seus lábios

**Michel**

em toda a sua beleza?

E um dever para consigo própria mostrar-se o melhor que puder em em toda a parte... segura que os seus lábios irradiam frescura... mocidade... encanto, na sua cor vibrante Michel dá-lhe esta confiança — e ainda mais O seu perfume subtil imprime a sua boca uma fragancia que os homens acham irresistível. Deixe que Michel mostre toda a beleza dos seus lábios, e que a suave base de creme proteja, com qualquer tempo, a frescura juvenil da sua boca.

**5 CORES MODERNAS**

MARIPOSA — AMAPOLA  
 AMARANTE — CHERRY  
 RASPBERRY — VIVID  
 SCARLET — BLONDE

3 tamanhos:

Luxo . Grande . Médio

Para harmonia de beleza do seu make-ups use o Rouge, Po de Arroz e Cosmético Michel.



**Oferta especial dos Agentes**

JAMES CASSELS & C.º SUCRS.  
 R. Mousinho da Silveira, 85, 1.º — Porto  
 Junto 3850 (selos) para receber em  
 bilhetes MICHEL de experiencia

em Cds..... 345

Nome.....

Morada.....

**TOME HOJE MESMO  
 LAXOBAC**

Olhe pelos seus intestinos. Devem trabalhar com a regularidade dos bons relógios. Tome LAXOBAC, o novo chocolate laxativo que actua suavemente, mas com firmeza, sem causar a mais leve dor ou incómodo. «Laxobac» agrada, tanto aos adultos como às crianças, devido ao seu sabor agradabilíssimo.

**LAXOBAC**

Em todas as farmácias a Escudos 5850 e 12800 cada caixinha. Lembre-se do nome.

**O Livro do Momento  
 A PRIMEIRA ALIANÇA  
 PORTUGUESA**

por RAFAEL MARCAL  
 À venda em todas as livrarias  
 Uma magnífica edição de  
 VIDA MUNDIAL



## A festa de contraternização do pessoal do Banco Pinto e Sotto Mayor

Num ambiente de excepcional cordialidade e animação, realizou-se o almoço anual dos funcionários da sede do Banco Nacional Ultramarino.

Presidiu o sr. dr. Carlos Barbosa, presidente do Conselho de Administração, lidoado pelos srs. Joaquim António Pereira, Alfredo Vieira Pinto, António Ferreira de Carvalho, Manuel António Lagoa Júnior, Filipe Gomes Pereira, eng.º Catheiros de Menezes, Miguel da Silva Bruscky e Dr. Manuel Barbosa.

O sr. dr. Carlos Barbosa, entre entusiásticos aplausos, entregou relatórios aos seguintes funcionários que completaram 25 anos de serviço: D. Maria de Oliveira, João Rodrigues Franco, António Augusto de Oliveira, António de Oliveira e Silva, Alexandre Quirino, Daniel Pereira, António Pina e Filipe Moreira.



O deputado norte-americano Sol Bloom, presidente da Comissão de Negócios Estrangeiros da Câmara dos Representantes, fala aos delegados de quarenta e sete nações na quarta sessão do Conselho da UNRRA, realizada em Atlantic City. À direita de Bloom, o director demissionário da UNRRA, Herbert H. Lehman.

## CHEGOU A LISBOA KOENE DIRK PARMENTIER CÉLEBRE PILOTO DA K. L. M.

**K**OENE Dirk Parmentier, um dos célebres pilotos da K.L.M. — Companhia de Aviação Holandesa que faz a carreira regular Amsterdam-Lisboa — à chegada ao aeroporto da Portela de Sacavém. Parmentier está desde 1929 ao serviço da K.L.M., tendo feito nos Estados-Unidos o estudo especial de vãos nocturnos. Primeiro classificado na corrida de Mac Robertson, de Mildenhall a Melbourne, Parmentier foi um dos pilotos que conduziu, durante a guerra, os aviões diários entre Lisboa e Londres, com a pontualidade e a segurança que ficaram conhecidas.

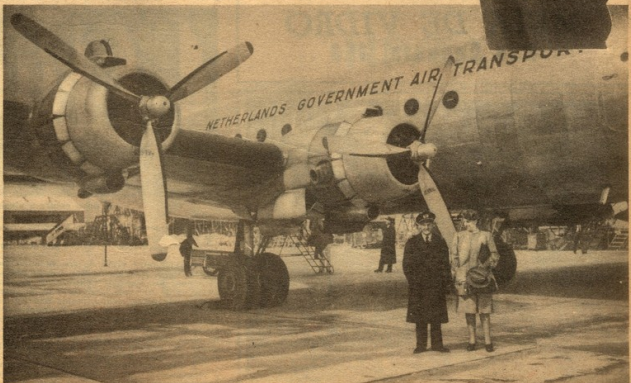


## PENICILINA PARA TUDO

**A**LEXANDRE Fleming, que descobriu a penicilina, pensa utilizar esta droga na preparação do «státon» e do pó de arroz.

Declarou a centenas de médicos militares dos Estados Unidos que, depois da guerra, qualquer pessoa com a garganta inflamada só teria uma coisa a fazer para se curar: tomar uma pastilha de penicilina. Esta droga poderá ser usada nas feridas infectadas, na difteria, no antrax, na pneumonia, na gangrena provocada por gases e no tétano.

Declarou também que a penicilina pode evitar o desenvolvimento do carbúnculo em dois dias, e que ela constitui um antisséptico ideal, pois não é venenosa e, por isso, o doente não corre o menor perigo se tomar uma dose demasiado forte.





A beleza faz a felicidade da mulher moderna. Para o conseguir use os produtos

**Cliper**

EXPERIMENTAR OS PRODUTOS  
**Cliper**  
SEMPRE ADOPTA-LOS PARA SEMPRE

**MEIAS AMERICANAS  
(NYLON-DUPONT)**

**51 Gauge**

A autentica meia de vidro  
Recobomos directamente em todos os tamanhos

**MEIA DE VIDRO**  
Rua Augusta, 158

L. MAITRE & FILS S.A.



**PRONTO**  
WATCH CO  
LE NOIRMONT (SUISSE)  
CABLES: PRONTO TEL. 4.5105

**O JARDIM ZOOLOGICO FOI VISITADO PELOS VEREADORES DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA**



Um aspecto do visite aos novos melhoramentos do «Zoo»



A escadaria monumental do Jardim Zoológico



Os vereadores da Câmara com a direcção do Jardim, durante a visita



A nova estufa e viveiro para plantas

O presidente da Câmara Municipal, vereadores e alguns chefes dos serviços municipais visitaram, há dias, a convite da direcção do Jardim Zoológico, as novas instalações e melhoramentos há pouco inaugurados no «Zoo» de Lisboa.

Os visitantes eram os srs. tenente-coronel Salvação Barreto, drs. Jaime Lopes Dias e Almeida de Eça e eng. Abrantes e Oliveira, directores, respectivamente, dos Serviços Centrais, de Abastecimentos e Urbanização e Obras; Ferreira de Andrade, secretário da presidência da Câmara; drs. Cortês Pinto e Mário de Albuquerque, major Azevedo Reis, Pedro Correia Marques, António Maria Pereira, Francisco Marques e Pereira Ferraz, vereadores; e vários funcionários superiores do Município, entre os quais o sr. dr. Silva Pinto, chefe da repartição dos Serviços Culturais. O sr. prof. dr. Fernando Emílio da Silva recebeu os convidados, acompanhado pelos srs. drs. Manuel Magno, clínico do pessoal do Jardim, e Joaquim Fronteira, funcionário superior da respectiva administração.

E todos retiraram verdadeiramente encantados com as obras realizadas, e elogiando o esforço dispendido pela direcção, a que preside o sr. prof. Dr. Fernando Emílio da Silva, digno continuador da notável obra de seu pai.



Entregou, há dias, as suas credenciais ao novo ministro da Argentina, Dr. Arturo S. Fassi



À partida do sr. dr. João de Barros, que foi visitar o Brasil e convite da Associação Brasileira de Imprensa. Junto do ilustre poeta e escritor português vê-se o Dr. Ribeiro Couto, Encarregado dos Negócios do Brasil.

# O JOVEM ESCRITOR TOMÁS RIBAS

## O MOVIMENTO LITERÁRIO DA NOVA GERAÇÃO

**T**OMÁS Ribas é um novo prosador, que agora se estreia, lançado pela Colômbia Editora, com um romance que é a afirmação dum valor: «Montanha Russa».

Trata-se dum romancista, vindo da poesia, que atrai com vigor as suas possibilidades.

— À «Montanha Russa» — começa por nos ser — é um romance que pretende realizar calmamente e de acordo com o que eu penso deve ser um romance. Entusiasmá-me por uma história um grupo de figuras. Foi verdadeiro.

E depois duma pausa:

— É natural que muita gente não goste. Eu penso não fiz aquilo que gostaria ter feito. O meu primeiro romance não é exclusivamente um livro psicológico, de debate de ideias, nem tão pouco uma mera reportagem de ambiente social, um bocadinho de tudo isso.

E esclarecendo:

— Bem vê: tentei dar uma visão real de certas coisas.

Qual o género literário que preferes?

— Depois da poesia e do ensaio, o romance diz-me. As minhas leituras preferidas, por isso mesmo, acusam predilecção por escritores como: Lawrence, Aragon, Steinbeck, Jorge Amado, Lins e Rego — e certos livros de Gide, Boring, Mansfield, Caldwell fazem parte da minha estante.

E dos nossos?

— Tomás Ribas responde logo, sem esforço:

— Miguel Torrea, que ainda não é um romancista, mas velado ao grande público, interessa-me imenso, tenho uma grande admiração por esse enorme poeta e contista. A ele devo, além de conselhos articulados, os melhores momentos das minhas leituras dos últimos anos.

— E quero ainda acrescentar, não só pelo que tem, mas pelo que representam: Alves Redol, Manuel da Fonseca, Fernando Namora, Joaquim Serra e Carlos de Oliveira.

— Admiro imenso a humanidade dos livros de Fernando Namora e repato Carlos de Oliveira como um dos valores mais reais da nossa ficção de hoje, além de ver nele um poeta que muito me agrada. Branquinho da Fonseca é um autor que me entusiasma com o seu livro, saído há pouco: que belo livro de contos e quantos ensinamentos nos dá a todos!

— O que que pensa da nova geração literária?

— É cedo ainda para, calmamente, lançar um livro sobre a jovem literatura portuguesa. Claro que os que mais me interessam são aqueles a que não há aliado.

— Há, no entanto, outros rapazes que estão dando um aspecto já definitivo ao que se chama neo-realismo. Lembra-me, por exemplo, de Faure da Rosa, Francisco José Penreira, Armando Ventura Ferreira, Mário Dionísio, Manuel Campos de Lima outros.

A conversa muda de rumo.

— Tomás Ribas diz-nos, depois, porque tendo conhecido a sua vida literária como poeta, se decidiu pelo romance.

— Escrevi a «Montanha Russa» porque tendo muitos preconceitos de arte e de homem, o romance é a forma mais adequada para dar aquilo que eu quero ser a minha mensagem.

— Não disse — e não sei porque — sinto que sou um ficcionista. Bom ou mau — é mais natural que seja mau — mas uma história mesmo que não seja verdadeira mas que tenha possibilidades de o ter sido, é sempre uma coisa que me apaixonava.

— Projectos.

— Há sempre muitos projectos. Um novo livro e versos — e um romance breve a publicar: «Cala as Colinas». Outro romance esboçado, «Caminho de Rondas». Como vê, pretendo trabalhar.

— E teatro? Gosta desse género?

— Lamento que aos novos autores e poderiam tentar-se sejam dadas possibilidades de poderem tentar teatro. Talvez porque eles vêem a impossibilidade de serem representados não se dedicam a esse género, que além de ser muito belo poderia ser muito útil. Recordo-me de um escritor que tem 3 peças inéditas, A. da Costa Ferreira, uma delas, «Montanha Russa», que se o público a conhecesse não a receberia com aplausos.

Mais haveria a dizer. Tomás Ribas fala com vivacidade — mas o jovem escritor, que mora fora de Lisboa, tinha o comboio daí a minutos. Foi só tempo de dar um abraço e de desejar que «Montanha Russa» — tenha uma montanha de vitórias.



O nosso director, José Cândido Godinho, despedindo-se de Amadeu da Freitas e José André, que partiram para o Brasil como enviados de «O Século»



O comandante dos Bombeiros Voluntários da Ajuda oferece uma «plaqueta» ao Batalhão de Sapadores Bombeiros, na presença do Presidente da C. M. L.



Aspecto do «Porto de Honra» oferecido, na C.M.L., aos engenheiros espanhóis que nos visitaram.



No Avis Hotel realizou-se, há dias, um banquete em honra dos congressistas espanhóis ao Congresso de Dermatologia, e que foi presidido pelo prof. Dr. Sá Penela.



# NIVEA

para o cuidado da pele

Os primeiros olhares são para o rosto e para as mãos evitai pois o vermelhidão e o agretamento, conservai a pele lisa e macia usando diariamente o CREME NIVEA. Usar o CREME NIVEA não constitui um luxo, pois que pode obter-se a partir de 4\$00.

Neste período de «memórias» é indispensável prevenir Inconanção a pele com CREME NIVEA, principalmente a noite antes do deitar.

Preço desde 6\$00

Distribuidor: PESTANA, SEBASTIÃO & FERREIRAS, Lda. Rua das Flores, 30, 31 - LISBOA



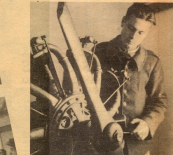
# "D. SEBASTIÃO" E ALUNO DOS "PIUPOIS DO EXÉRCITO"!



Amazónia Martins, mãe do papa do D. Sebastião, de novo filha do Lúcio de Barros



D. Sebastião com os seus, no sítio Lourenço, no tempo de menino para o Almirante Vasco da Gama, momento memorável do episódio, e a sua mãe, a D. Catarina



Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João



MADLEINE CARROLL  
JÁ CHEGOU A MADRID  
PARA COMEÇAR, AMANHÃ,  
A FILMAGEM DE  
"RAINHA SANTA"

MADLEINE CARROLL já chegou a Madrid para começar, amanhã, a filmagem de "Rainha Santa". A atriz americana, que já trabalhou em filmes como "The Sign of the Cross" e "The Sign of the Cross", vai interpretar a rainha Santa Isabel. A filmagem vai começar amanhã de manhã, às 10 horas, no estúdio de la Latina. A atriz americana, que já trabalhou em filmes como "The Sign of the Cross" e "The Sign of the Cross", vai interpretar a rainha Santa Isabel. A filmagem vai começar amanhã de manhã, às 10 horas, no estúdio de la Latina.



D. António Soares volta a Princesa Luísa de Guimaraes, no Alcazar dos Cavaleiros



Um grupo de soldados em desfile durante a apresentação da FFAA e do Exército Nacional fundado no nome do Rei Dom Sebastião, no dia 15 de Junho

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João

Sebastião, Amazónia Martins, mãe, que o criou de 4 a 7 anos de idade e o pai, o D. João



A sala de estar do lar de Roosevelt



A secretária de Roosevelt na sala de estar



★  
O último etoilettes de Roosevelt. O calendário marca o dato de Abril-1945, o mês em que o presidente morreu.



O quarto de rapaz de Roosevelt. Ao fundo vê-se o retrato de Washington.



O átrio de entrada. Vê-se o último chapéu de Roosevelt nas costas do banco de espera. Na parede vêm-se quadros representando barcos.

UMA NOVA DESCOBERTA CIENTÍFICA  
É pelo SANGUE que o cabelo se alimenta



**Crisisil**  
o remineralizador do sangue

COMPRIMIDOS PARA TRATAMENTO INTERNO  
NA LUTA CONTRA A QUEDA DO CABELO

FERRO, MANGANÉO, CÁLCIO-SÍLICA - ELEMENTOS NECESSÁRIOS  
À FORMAÇÃO DO FOLÍCULO PILOSO

TUBO DE 50 COMPRIMIDOS: ESC. 25.800 EM QUALQUER FARMÁCIA  
ESTABELECIMENTOS CANOBBIO

- LISBOA - PORTO - COIMBRA - FUNCAL -



O quarto de dormir de Roosevelt



“O TEMÍVEL D. JUAN ALFACINHA”  
 INTERPRETAÇÃO DE LINA E SALVADOR  
 FOTOGRAFIA DE ARMANDO SERÔDIO



1) Esta rapariga resolveu ir sentar-se num banco do Parque Eduardo VII, e ler um livro e a apanhar um pouco de sol...



E logo chegou o terrível, o inevitável «D. Juans» lisboeta! Primeiro, mirou-o de alto a baixo...



3) Depois, foi-se aproximando, do cigarro aceso entre os dedos e ar conquistador e atrevido...



4) A rapariga chegou-se para a ponta do banco. E ele chegou-se também, arranjando a gravata e fingindo estar, também, aproveitando a leitura...



5) Mas ela é que não era para graças! E o terrível «D. Juans» apanhou com o livro pela cara!



6) A rapariga afastou-se, convencida de que os bancos dos jardins públicos não servem para as senhoras se sentar — por causa do inevitável, do terrível «D. Juans» affacinho!



7) E ele ficou, desolado e triste, a congeminar nova conquista...



# TIT-BITS



## APONTAMENTO DA RUA

**U**M grupo de garotos jogava a bola, na rua. Já tinham partido dois vidros, acertado num olho dum senhor de idade que seguia, furioso, e sujado vários fatos dos transeuntes, com a bola de trapos cheia de pó. E o jogo continuava, não sabemos para que campeonato local.

O certo é que o entusiasmo era indescritível e o número de assistentes aumentava.

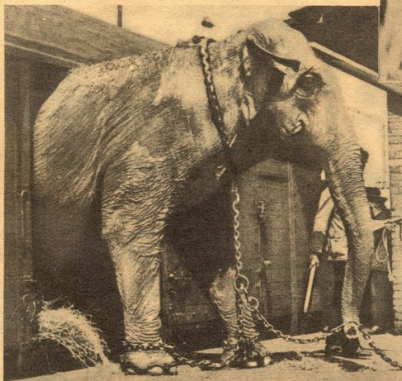
Perto, uma pobre mulherzinha vendia, num pequeno cabaz, laranjas e bananas, sempre recosa de que a bola lhe acertasse.

A certa altura, houve pânico. Ouviu-se um grito: — A polícia!

E a garotada fugiu, não fossem pedir-lhes contas dos vidros partidos e de terem acertado com a bola nos transeuntes. Quando o guarda chegou, nem um garoto se via na rua.

Mas foram precipitados os pequenos desportistas...

Afinal, o guarda viuha, apenas, mullar a mulherzinha que, mais adiante, vendia, num pequeno cabaz, laranjas e bananas...



EM CIMA: Sua Excelência sai a passeio... — EM BAIXO: Parecem muitos bailarinos, mas é só uma. Só uma — e só um fotógrafo. O que ele é, é muito distraído e fez doze fotografias sem mudar a chepa!



Estas a ver o que fizeram à pele da maná?...

## POUCAS PALAVRAS

Embora não o reconheça, o homem prefere as más companhias a estar sózinho...

\* \* \*

Aos homens interessa ser o primeiro amor duma mulher. As mulheres, ser o último amor dum homem...

\* \* \*

O sorriso com que acolhem o «perdião», de quem nos pisa, está sempre cheio dum ódio mortal...

\* \* \*

Amor, dinheiro e má educação — não podem ocultar-se!...

\* \* \*

Isto da gente se apressar a corresponder a um favor recebido, é uma espécie de ingratitude!...



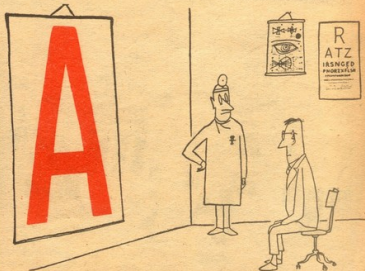
## DISTRACÇÃO MÁXIMA

Um homem distraído entrou num café que tem as paredes cobertas de espelhos e, ao ver a sua imagem reflectida, parou, dizendo para consigo:

Onde vi já esta cara?

E, depois de pensar um pouco achou a solução:

— Ah! Já sei! Foi no barbeiro!



Se consegue ler aquele A, não está tão mal da vista como pensa...





Blcco de casas económicas recentemente construído em Carabanchel



Um lindo bloco de morádias

# MADRID RESSURGE

**E**M alguns anos de esforço persistente e continuado, os arquitectos e engenheiros madrilenos realizaram um trabalho digno de todos os elogios.

Trinta escolas, três quartéis, dez edifícios para instituições de beneficência, quatro edifícios do Estado, cinco estabelecimentos sanitários, duas igrejas, catorze edifícios municipais, cinco do património nacional e duas obras de urbanização, são um breve apontamento dos seus trabalhos — uns feitos com novas plantas, outros reconstruídos, depois de derrubados pela guerra civil.

Ao falar-se dos últimos trabalhos dos engenheiros e arquitectos espanhóis, há que citar o edifício novo do «Centro Benéfico y de Enseñanza de los Trinitarios», na «calles Marqués de Urquijo», de grande elegância e beleza arquitectónica.

Este edifício é um primor da arquitectura moderna espanhola, de lindíssima estrutura e linhas harmónicas.

Outro trabalho, também de grande mérito, foi o da reconstrução da catedral de Santo Isidro.

Terminou a construção do bloco de vivendas nos arredores de Madrid, tão castigados pela guerra civil. Só um deles, no «Paseo de Extremadura», importou em dez milhões e meio de pesetas.

Esse lindo bairro, higiénico e moderno, consta de duzentos e dez vivendas, doze estabelecimentos, edificação de Correios e Telégrafos e Centro de Higiene Infantil. Levou três anos a construir.

Outro bairro, também já pronto, é o de Carabanchel Bajo, que custou sete milhões de pesetas e foi executado em dois anos e meio.

Tem noventa e sete vivendas, dezasseis estabelecimentos e uma estação de Correios.

Há, presentemente, em construção outro bloco de casas no Paseo

de Extremadura, outro na ponte de Toledo e mais um na «calles» de António Lopez.

Para algumas aldeias, destruídas pela guerra civil, foi feita nova planta.

Num curto espaço de tempo, os arquitectos e engenheiros espanhóis reconstruíram e levantaram de novo muitas aldeias, enquanto vão, igualmente, aforoseando Madrid, com edifícios modernos, à altura dum grande capital.



Outro aspecto de vivendas económicas no estrada da Extremadura



Um detalhe das mesmas morádias



Mais casas económicas, nos arredores de Madrid

**PRODUTOS DE BELEZA**

*Rainha da Hungria*

K'CAMPOS

**O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA!**



## NOTA DA SEMANA

Os filmes são tantos e os adjectivos tão poucos—que, na realidade, vai sendo cada vez mais difícil atrair a atenção do público para determinada obra que se pretende reclamar. A força de desbaratar os qualificativos, as palavras quase perdidas o significado. Qualquer filme de quinta ordem é hoje uma super-produção. Assim, inventou-se a super-produção gigantesca, que logo passou a ser aplicada a películas que estavam para o cinema como artilheiro-pigeus para o colosso de Rhodes.

Entre as referências que até há pouco significavam alguma coisa para o público, contavam-se as dos prémios da Academia. E isto, porque através dos tempos, se acreditaram, pela justiça das escolhas, Pola bem. Até esse support, conseguimos extrair. Hoje todos os filmes são «prémios da Academia», ainda que tal menção seja justificada apenas pela actuação de um actor secundário...

O que se passou com «Horas de Tormentas» (Watch on the Rhine) ilustra singularmente o facto. A Academia distinguiu Paul Lukas com o primeiro prémio da interpretação do ano, pelo seu desempenho neste filme. Pois julgam que a publicidade pôs os pontos nos seus, prestando, assim, justa homenagem ao artista galardoado, e chamando a atenção do público, para uma circunstância artística meritória?! Nada disso sucedeu. A publicidade estabeleceu a confusão, para levar o público a supor que fora o filme e não o artista, que haviam ganhado o primeiro prémio.

E pena que se ponham em acção truques desta ordem, para atrair o público. Em primeiro lugar, o espectador começa por ficar desorientado. Em segundo lugar, acaba por não acreditar nos prémios da Academia. A crítica, por seu turno, não esclareceu devidamente o assunto e até houve um crítico que aludiu à circunstância do filme ter sido proclamado o melhor do ano...

Santa ingenuidade! E é por estas e por outras, que o sistema, aparentemente, vai dando resultado...



Mickey Rooney chegou a Hollywood e encontra-se com dois lindíssimos raparigos. A da esquerda é Ava Gardner, que foi sua mulher e da quem hoje está divorciado. A da direita é Ann Rutherford, o «Filly Benedict», da série Hardy—o noivo equilibra do terrível Andy, de Carvel.

Dorothy Lamour escandalizou-se a si... Nunca o frase popular que marca o paroxismo da hilaridade nos pareceu ter tido nítida réplica cinematográfica. Porque quase custa a reconhecer, em tão desequilibrada atitude, aquela Dorothy, sonhadora e apaixonada, que todos nós conhecemos, através dos filmes. Mas não há dúvida de que a «graça que a fez vir deve ter sido muito boa...



Antes de vir para o cinema, Greer Garson pertenceu ao elenco dum teatro londrino. Ali trabalhava outra vedete, de categoria superior, Gladys Cooper. Greer Garson, depois de «Adieu, Mr. Chips», foi para Hollywood. E Gladys Cooper só há pouco ali chegou. Mas a situação inverteu-se: Greer Garson é hoje uma das primeiras figuras da tela... Amigos de sempre, nunca nenhuma delas abriu a omírcia pela hierarquia de arte. E Greer Garson dispensou a Gladys Cooper a mais feroz acolhimento. Encorajaram-se no elenco de «O Vale da Decisão». Greer é a vedete—o desempenho no filme o papel de criada, em casa da milionária que Gladys personifica...



O EXITO DA SEMANA

MADemoiselle BONAPARTE

O MAGNÍFICO FILME FRANCÊS QUE O

GINÁSIO

APRESENTA



UMA GRANDE ACTRIZ

Edwige Feuillère

NUM CONFLITO EMPOLGANTE!

UM DUELO À ESPADA

ENTRE DUAS MULHERES!

# ACESSO AO CARGO DE REALIZADOR

POR FERNANDO FRAGOSO

SABE-ME  
BEM A  
COMIDA.



Desapareceu  
o excesso  
de acidez

Uma digestão normal, sã e bom apetite, estão ao seu alcance se puser termo às suas perturbações digestivas com Magnésia Bisurada. Flatulência, ardores e dispêsia, eis os sintomas da hiperacidez. Neutralizando-a, desaparecem as perturbações e o estômago passa a andar bem. Basta uma colherzinha de Magnésia Bisurada em pó ou 2 a 4 comprimidos.

DIGESTÃO ASEGORADA

com  
**MAGNÉSIA  
BISURADA**

A venda em lâminas as 15000 e 23000, em pó ou comprimidos, a farmácia, a farmácia, a farmácia.

*E' distinto!*  
PREFERIR  
**Guimar, Lda**  
PARA DECORAR

183. Rua da Prata, 187. tel. 649.800. Lisboa

LIVRARIA ECLETICA  
LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas  
bibliotecas

Calçada do Combro, 58 - LISBOA

O VELHO PORTO  
**Nepoort**  
sóbe... a quem sabe

A Associação de Técnicos do Cinema de França se tornou pública uma decisão, suscitou na Imprensa animada controvérsia. Os técnicos de Pirenne estabeleceram, com efeito, que só poderão ter acesso ao cargo de realizador os profissionais que pelo menos em três filmes, hajam como assistentes. «Paris-Cinema» para citar somente uma das publicações que abriram a ofensiva para tal medida — intitulada a notícia com o título sugestivo de «Uma História de Doidos». E comenta, no sítio de quem desmorona um castelo de cartas: «Por outras palavras, Jean Cocteau não tem o direito de realizar um filme; Jouffé fica proibido de encenar num estádio; e Spaak ou Jeanson não poderão transpor para a tela as suas próprias obras».

Esta ideia de barrar a entrada dos estudos aos ignorantes — não é nova. Aquí, ao lado, em Espanha — e até há pouco — as medidas apofíticas iam mais longe, embora no mesmo sentido. O candidato a realizador teria que provar a sua intenção por um filme; Jouffé fica proibido de encenar num estádio; e Spaak ou Jeanson não poderão transpor para a tela as suas próprias obras. O grande argumento dos que combatem a medida é que, se a medida for aplicada, as garantias ou etapas de acesso restarão, por via de regra, na afirmação de que o Cinema é uma Arte, e não um ofício, a única condição necessária para o servir — é ser Artista. Assim, o Actor, o Músico, o Dançarino, o Pintor, o Escultor, o Ballarino — todos aqueles, enfim, que revelaram sensibilidade para criar a Beleza ou dão prova aos outros por emoções cáusticas, através das suas actuações na modalidade que servem — todos, argumenta-se, estariam em condições para entrar num estudo e realizar filmes — por que são Artistas!

Esta teoria não convence, por muitas e variadas razões. Com efeito, todos esses artistas, que representam, cantam, pintam ou dançam, tiveram que estudar, durante longos e longos anos, antes de impor-se, como cultores das Artes a que se dedicaram. A razão é transparente: Todas elas têm uma técnica. E a técnica é o meio que serve a finalidade da própria Arte.

Há quem pretenda que o Cinema não é uma arte. Mas até esses não se atrevem a negar a existência dum «linguagem cinematográfica» com forma de expressão própria. E para «falar» esta linguagem não basta saber representar o «sujet-matier» do domínio das cores, dançar a «Morte do Cléves» ou escrever romances. O conhecimento da técnica do cinema é indispensável. Porque é ela que permite compreender e utilizar a linguagem do Cinema.

Esta técnica não se advinha nem se aprende por correspondência. Nem tão pouco pelo método de Ollendorff, como muitos supõem. «Tens um travelling? Como cenar? Não! Mas farei uma panorâmica horizontal, que também é bonito...». Os divertimentos do mundo inteiro podem dar a celebridade que se contém na notícia de três linhas das variadas secções de «Ecos e Notícias do globo» — «o nóvel cineasta sr. X fez um filme, intitulado «Sonhos e Ilusões» — mas a verdade é que pouco eluciam o candidato sobre os seus elucios problemas que terá

que enfrentar e resolver, no momento de iniciar a sua actuação como realizador. As aulas teóricas, nos poucos países onde existem com seriedade, têm que ser completadas por uma aprendizagem feita nos estúdios. E para o candidato a realizador, conhecemos, de facto, dois caminhos capazes de o habilitar com o máximo de conhecimentos indispensáveis: o «treino» em filmes de curta metragem, ou o desempenho consciencioso das funções de assistente de realizador.

Os cargos subalternos, como forma de acesso à direcção dum filme, nunca poderão prejudicar um Artista, por maior e melhor que seja. Muito pelo contrário! Talvez demorem a sua revelação, mas há-de conferir-lhe, fatalmente, conhecimentos e autoridade, que rendem sempre no «plateau». Dizer o contrário, seria negar a evidência, no que se refere às outras Artes.

Temos, neste abençoado cantinho português, dezenas de exemplos, em reforço de tais opiniões. Entre nós, qualquer negociante, cavaleiro tauromáquico ou pintor, que nunca haja entrado num estudo, pode realizar o seu filme. Mas as obras que marcaram e que se impuseram foram sem dívida a daqueles que se inclinaram, a pouco e pouco, mas com segurança, no segredo da técnica, e que começaram pelo princípio, por filmes curtos, ou por cargos de menor responsabilidade individual. Citamos, entre outros, Leitão de Barros, Lopes Ribeiro, Jorge Brum do Canto, Artur Duarte, Manuel de Oliveira, etc. Uns realizaram esportes, antes de se abalçarem a maiores cometimentos. Outros foram assistentes de realizadores, antes de assinar o seu primeiro filme.

Ainda que pese aos nossos amigos

franceses, alguns dos quais se mostram indignados com a ideia de Cinema «à la Française» — «Ministério da Informação» para ir para o «Ministério da Produção Industrial» — «pode lá ser!» O cinema no mesmo departamento das minas de carvão ou dos aitos formais — ainda que pese a esses e a outros, o Cinema é uma Indústria. E uma indústria que não se compece com os rapalhãos habilidosos, com os poetas e com os autodidactas.

Na maioria dos casos, da parte dos que se aventuram a arcar com certas responsabilidades não podem nem sabem medir, há um excesso de vaidade ou de confiança nos méritos próprios, a comandar a sua acção. Mas, muitas vezes também, é uma boa dose de ingenuidade que leva os ignorantes a deixarem-se tentar pela aliciente Arte das imagens. A aprendizagem através dos cargos subalternos fará bem a uns e a outros. Os primeiros terão, esseja de pôr à prova as qualidades e o saber que julgam possuir em alto grau. Os segundos, os ingénios, em face da complicada máquina que é um estudo, reconhecê-lo, a tempo, que tarefa é pesada para os seus ombros. E como os ingénios são por via de regra, mentalmente honestos, estarão a tempo de evitar o desastre.

O cinema aspirará sempre com vantagem, em qualquer das situações, do Cinema-Arte e do Cinema-Indústria. Por isso nos parece francamente de aplaudir a resolução tomada pela Associação dos Técnicos do Cinema Francês. Lugar aos novos — evidentemente. Mas aos novos que sabem alguma coisa!

John Crawford, ex melhor actor de 1940, no decurso de Academia Americana de Artes e Ciências Cinematográficas, volta a ser o assunto n.º 1 das revistas de cinema. Aqui tem uma foto onde a sua face, tão expressiva, encontra, nas linhas das broncas, que lhe enquadram o rosto, a medida ideal, e que contrasta singularmente com os seus olhos negros, ardentes e profundos.



# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

## POR CARLOS FERREIRA

CAPÍTULO XXXI

### A FORTALEZA EUROPEIA



**ALMIRANTE RICCARDI**  
Comandante-chefe de esquadra italiana

MAS a nota mais saliente que resultava do encontro era a afirmação, que as potências do Eixo faziam, pela primeira vez, de que o fim principal da guerra que se iniciara em 1914 consistia na criação de uma federação de nações livres, as quais de plano, depois de restabelecida a paz, cooperar numa atmosfera de compreensão, de justiça e de confiança. Esta parte do comunicado começou logo a ser designada nos jornais italianos e alemães como a futura «Carta da Europa». Como era de esperar, a imprensa italiana insistia de maneira especial na sua aprovação, considerando esta uma vitória pessoal de Mussolini sobre o seu aliado, sem

avesso a assumir compromissos em relação aos pequenos países do continente. A imprensa alemã não se recusava, naturalmente, a aceitar a tese do «Duces» numa altura em que as dificuldades comuns explicavam sobejamente todas as promessas para descontar no futuro incerto.

**A VISITA A BERCHTSGADEN DOS CHEFES DOS GOVERNOS SATELITES DA EUROPA**

Na opinião de Mussolini, a defesa da «Fortaleza Europeia» só podia ser eficazmente assegurada, desde que os pequenos países do continente se sentissem interessados em a acatular. Por isso, em seguida ao encontro do «Duces» com Hitler desfilaram por Berchtesgaden os chefes dos governos satélites da Europa a fim de tomarem conhecimento da nova orientação preconizada pelos chefes do Eixo. Com o Fuhrer conferenciaram, sucessivamente, o rei Boris, da Bulgária, o regente da Hungria, almirante Horthy, o chefe do governo da Eslováquia, monsenhor Tiso, e o chefe do governo norueguês, Quisling. Embora sobre a natureza e o resultado destas conversações não fosse publicado qualquer comunicado oficial, não era muito difícil calcular o que nelas fora dito e resolvido.

Tratava-se, em primeiro lugar, de conseguir que esses dirigentes fizessem aceitar pelos seus povos novos e mais pensados acordos de que aqueles que já haviam suportado. Em contrapartida, o Fuhrer, chefe supremo da grande totalitária, prometia-lhes uma liberdade maior de movimentos e uma intervenção mais

activa nos assuntos europeus depois de alcançada a vitória. O que se passou em seguida demonstrou exuberantemente que essa promessa não conseguiu modificar de maneira apreciável as condições preclitas em que os satélites do Reich estavam a prestar a sua contribuição para a causa comum.

O regresso dos chefes que visitaram o Fuhrer na Primavera de 1943 foi acolhido pelos povos cujos destinos eles dirigiam com um ceticismo manifesto. A sua viagem a Berchtesgaden, longe de ter contribuído para melhorar a posição do bloco totalitário, foi interpretada, por toda a parte, como um sintoma manifesto de fraqueza e como um indicio transparente de que a solidariedade que até essa altura ligara para satisfação das suas reivindicações revisionistas, alguns pequenos países europeus ao Reich e a Itália não tardaria a transformar-se numa hostilidade aberta, a qual se liquidaria pelo cumprimento total. Como também fácil prever a Itália não tardaria a abrir o caminho que se outros seguiriam depois de algumas hesitações.

As informações mais autorizadas afirmavam que da entrevista entre o Fuhrer e o «Duces» saíra a ideia de organizar uma nova carta do continente europeu que, embora atribuisse aos países do Eixo uma posição preponderante, que, em consequência da sua vitória militar, não deturcaria de ter em conta os sentimentos de independência e soberania característicos dos diversos povos da Europa.

Um indicio seguro de que esta mudança aparente de orientação tinha a ganção dos dirigentes dos dois países podia ser facilmente encontrada na attitude da imprensa alemã e italiana, que começou a advogar, com um entusiasmo suspeito, a necessidade de fazer federar, o mais rapidamente possível, logo que se decidida a luta, os pequenos países continentais de forma a criar-se entre eles uma nova unidade de uma nova solidariedade, sentimentos individuais e qualquer trabalho político de sentido construtivo.

A influência que a Itália tivera, através da acção do regime fascista e do seu chefe, para conseguir no comunicado oficial do encontro esta mudança de orientação, era transparente, pois ela correosamente usou as tradições da política externa italiana que o regime e Mussolini tão precipitadamente haviam posto de parte ao ligarem os destinos do seu país à sorte das armas alemãs. Essa influência não podia ter tido ninguém, e poucas seriam, certamente, as pessoas dispostas a acreditar que, na hipótese de ganhar a guerra, o Reich e os seus dirigentes se tornassem suficientemente generosos para substituí-los por uma concepção mais humana das realidades e mais conforme aos seus próprios interesses. Esta desconfiança enraizada fazia com que todas as tentativas de última hora, feitas a cabo pela diplomacia italiana, estivessem condenadas de antemão a um malogro certo e fatal para a Itália e para a Fortaleza europeia, a qual só tinha algumas probabilidades de sobreviver em realidade no caso de, entretanto, se criar um sentimento de identificação voluntária entre o Eixo e os pequenos países do continente que não deixavam de se revoltar contra as violências da ocupação.

a seguir no futuro e quanto às relações entre as potências do Eixo e os pequenos países do continente europeu, a leitura do comunicado de que dava conta do encontro entre os dois chefes totalitários não deixava margem para dúvidas quanto à validade destas extensões dos sacrifícios que iam ser exigidos do povo italiano para que a seu país pudesse intensificar a participação no conflito e aumentar a contribuição para a causa comum.

A exemplo do que acontecera na Alemanha, a Itália comprometera-se a proceder à mobilização integral de todas as suas forças e recursos, correspondendo assim às queixas de que Hitler se fizera eco durante o encontro, as quais serviram para pôr em relevo a relativa insignificância da contribuição que a nação italiana até essa altura se decidira a prestar. Era especialmente em relação à utilização deficiente do potencial humano que os alemães se mostravam mais severos, quando estabeleciam o paralelo entre os sacrifícios exigidos à sua população e aqueles que o fascismo havia exigido do povo italiano.

Não causou, por isso, qualquer estranheza que, logo que regressou a Roma, Mussolini tivesse publicado uma série de medidas drásticas para intensificar a mobilização em Itália, tanto para as forças militares, como para as fábricas e oficinas de material de guerra e equipamento. Essa mobilização, alargada a limites que certamente o próprio «Duces» nunca havia a princípio autorizado, lançou a Itália na aventura da guerra, abrangia não só os homens até uma idade avançada, como os estudantes, o que provocou uma impressão profunda em toda a Itália e serviu para dar, aos olhos dos italianos, uma ideia desfavorável das condições em que o Eixo estava a condizer a guerra perant'um futuro crescente do poder efectivo dos seus adversários anglo-saxões e russos.

**A NOMEAÇÃO DE CARLO SCORZA FOI UMA INDICAÇÃO CLARA DE QUE O FASCISMO ESTAVA DECIDIDO A PLACAR TODOS OS ACTOS DE DESESPERO**

No plano das suas relações com o Reich, a Itália, pela voz de Mussolini, assumira assim o compromisso de dar para a guerra uma contribuição maior. A questão estava, porém, em saber até que ponto o povo italiano se mostrava decidido a honrar o compromisso assumido em seu nome sem que previamente se tivesse consultado. A verdade é que, mais do que nunca, esse povo manifestava o desejo firme de abandonar a luta reconhecendo que esta não podia já continuar a qualquer decurso favorável e que, portanto, se o esforço praticado em Junho de 1940, não tivesse sido interrompido, as consequências desta insistência,

(Continua)

### JUDES-ÚLTRA

Este maravilhoso parasitico é o remédio de confiança para a destruição rápida de todos os parasitos do cabeça ou do corpo.

Inofensivo para adultos e crianças, deve ser usado especialmente pelos mães que têm filhos em idade escolar. Aplicar duas ou três vezes por semana. Custó apenas 4500.

A venda nas farmácias, drograrias e casas mistas de província. Exijo no seu próprio interesse JUDES-ÚLTRA.

**As famosas IGUARIAS, GÉNEROS ALIMENTÍCIOS E CONDIMENTOS da casa**

**CROSSE & BLACKWELL**  
ESTABELECIDO EM 1706



chegarão com a PAZ

Consultem os Agentes  
**Miranda & C. - Lisboa**  
**Arnaldo Salgueiro & C. - Porto**

**UMA GOTTA DE «HERPETOL»**

É O DESEJO DE CÔCAR PASSOU, A IRRITACÃO É DOMINADA, A PELE REFRESCA-SE E O ALIVIO COMEÇA

**«HERPETOL»**

É UM MEDICAMENTO SÉRIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMA, URMIDIM OU SECO, CRUSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDENIAS NA PELE, ETC. ATE HOJE ANDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 1\$100



**A EXEMPLO DO QUE ACONTECERA COM A ALEMANHA, A ITALIA FEZ UM ESFORÇO DESESPERADO PARA INTENSIFICAR A SUA PARTICIPAÇÃO NO CONFLITO**

Mas se, por um lado, o Fuhrer fizera aos italianos uma concessão formal quanto à orientação política

**MEDICINAL**  
**PASTA COUTO**

TRATA gengivas desarracadas ou sangrentas  
EVITA estomatites mercuriais ou birmuticas  
MATA os microbios da boca, que dão causa a tantas doenças graves

Medicinal pequena — tubo 11800  
Medicinal grande — tubo 17850  
Vulgar pequena — tubo 4800  
Vulgar grande — tubo 7800

**Tika**  
**MATA**

PERCEVEJOS  
BARATAS  
PULGAS  
TRAÇA

À VENDA EM TODA A PARTE.

Caixa pequena..... 3300  
Caixa grande..... 8500

Dep.: COUTO, L. 4a — Porto  
L. S. Domingos, 165

**PÉS QUE DOEM**

Um amigo disse-me: «Ponha Saltratos Rodel dentro de água quente até que ela tome o aspecto de leite carregado. Mergulhe os pés nesse banho leitoso e oxigenado e obtinha um alívio rápido e certo». Segui este conselho e eis que chegam o alívio, o bem-estar e a liberação rápida da dor! Os calos amoleceram, as esfoladas desapareceram, e as frieiras não me causam mais nenhum mal. Os Saltratos Rodel vendem-se nas farmácias e drograrias. O seu custo é insignificante.



**AGUARDENTE VELHA**  
**Niepoort**  
a prova está na prova



# PASSATEMPO



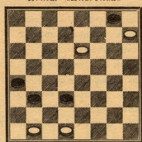
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES  
Toda a correspondência deve ser enviada para o Rua Marques 25 da Bandeira, 105, 3. LISBOA

## DAMAS

(Secção espanhola)  
1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMAS DE «DAMAS»  
COMPOSIÇÃO N.º 87  
(Final)

«La Provincia» — Las Palmas  
(Espanha)

Lema: «Encerros»



Jogam as brancas e ganham.

### PERGUNTANDO...

- 1—Quais são os instrumentos que nunca se desfilam?
  - 2—Qual é o animal que antepondo-se-lhe uma letra se transforma em medida hinerdria?
  - 3—Qual é o estabelecimento comercial que eliminando-se-lhe a letra inicial se transforma numa coisa que ninguém deseja ter?
- Nota: A pergunta n.º 1 tem resposta sofismada.

### JOGO DE PALAVRAS

PROBLEMA N.º 4  
Por Augusto Teixeira Marques

Tomar 10 palavras começadas por PO, das quais a seguir damos síndonsimos.

Para resolver este problema: 10 palavras em 8 minutos é excelente; 8 palavras em 7 minutos, bom; e 5 em 8 minutos, regular.

- 1—Desprovido ou mal provido do necessário PO . . .
- 2—Cavidade profunda, aberta no solo, e quase sempre empedrada, para dela se tirar água PO . . .
- 3—Operação que consiste em cortar total ou parcialmente certos ramos dum vegetal, para obter flores e frutos PO . . .
- 4—Grande poder PO . . . . .
- 5—Pés PO . . . . .
- 6—País da Europa Central PO . . . . .
- 7—Que está em decomposição PO . . .
- 8—Obra em verso, sobretudo duma certa extensão PO . . .
- 9—Aquele que escreve em verso PO . . .
- 10—Parte inferior da vela (náutico) PO . . .

SOLUÇÃO DO N.º 3  
(Publicado em 11/4/946)

- 1—Mongil. 2—Moneta. 3—Mon-donga. 4—Momo. 5—Monocarpa. 6—Mondar. 7—Mondaço. 8—Mond-culo. 9—Monstro. 10—Mongitona.

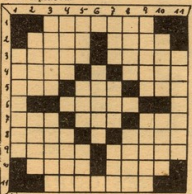
## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 65

Por José Duarte  
(Lisboa)

### ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1—Tabela com combinação de algarismos. 2—Oportunidade; governo. 3—Vedal; põem-se amados. 4—Líquos; oltavo. 5—Quadrúpede ruminante; espaço de tempo relativo; ao ar. 6—Pedes. 7—Gasta; chefe etíope; una. 8—Invalida; garantia de pagamento de uma letra. 9—Pequeno altar; trina. 10—Composições poéticas; repercut. 11—Aplacou.



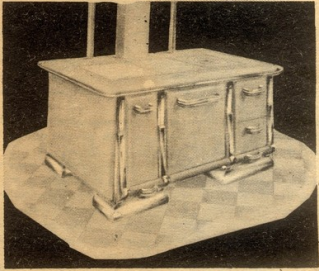
(Nova modalidade)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4

T	A	K	A	I	T	Z	H	A	
A	D	E	K	E	V	L	C	I	
L	D	A	V	O	B	E	N	A	
A	R	A	C	O	G	O	A	L	A
L	A	T	A	C	A	D	H	I	K
L	A	Z	A	R	A	T	O	I	
I	R	A	I	V	A	T	O		
A	I	A	U	N	E	T	A	H	
H	A	R	B	T	A	F	E	R	A
E	L	A	K	H	I	A	I	V	
S	I	E	N	G	O	V	E	R	N

VERTICAIS: 1—Bodega. 2—Terreno inculto em que crescem plantas agrestes; dinheiro. 3—Escondi; engane. 4—Lavrás; naquele lugar. 5—Governador de algumas províncias muçulmanas; maior; membro de ave. 6—Molhas. 7—Altar; curadas; a ti (pl.). 8—Demónio; círculo. 9—Ave de rapina; desembarcação. 10—Embarcação de recreio; peça de madeira para apertar. 11—Chourico doce.

## Solidez e boa apresentação



São as qualidades de fabrico dos

**FOGÕES  
COFRES  
E BALANÇAS**

Deos fabricantes:

**ALBERTO DA SILVA (IRMÃOS), LIMITADA**  
Rua do Arco da Bandeira, 129 — Telefone 24463

e no revendedor  
**JOSÉ DA SILVA & IRMÃO, LIMITADA**  
Rua das Correeiros, 105 e 107

# O MENINO FOI BATIZADO

POR MANUEL MARTINHO



## ILUSTRAÇÃO DE BORGES CORREIA

QUANDO o «laxon» do automóvel deixou de tocar — e o carro estacou, num solavanco, à porta da Gertrudes Russa, já o rapazão, aos pinotes, empoletado no guarda-lamas, enchia de ruidosa alegria o sossegado e familiar pátio da Crenga. A «Zefa dos Brincos» assomou, pelo postigo, a cara encardida, cheia de olheiras, e pôs-se a dizer, para a Dona Belmira, contrabandista, «que hoje era dia de festa». A outra, nutrida, com a papicira do queixo descalfada sobre a gola do «robo», indagou, da varanda, «se era o baptismo». Que sim! Aquelle automóvel trazia os padrinhos, gente ricaça, lá do Bairro Azul, uma «madame» de pétes e um senhorito carcaça, já idoso, dono duma loja na Baixa. As portas, a vizinhança vinha chegando. A «Catrina», ainda despenetada, com o filho ao colo e o outro ctraíro de bibe rôto e joelhos sujos, disse logo que a Gertrudes era um poço de sorte. Arranjava sempre uns padrinhos de se tirar o chapéu. Já do Manecas fora um sargento que tinha uma leitaria, e que, quando o homem andava ao alto levava o gaidão para casa, e vai: disto, num passado e rouparia desde os pés à cabeça. A Joana acrescentou logo, da soleira onde estava sentada: — E as tachadas de comida?! Davam para abastecer uma pensão! Nê, a Gertrudes Russa tinha uma sorte dos diabos! As vezes a gente arranja uma padrinhos bons. Lembrar-se ela, Joana, do seu, o sr. almirante de fragata. Pessoa

de tom, rica, que dormia até numa cama, credo, de pau santo. Pois visse a vizinhança, nem cheta! Quando o seu homem teve de ir responder por aquella insignificância das cabeçadas no «Zé Trambolho», que pensam? Ela bem se rejou aos pés, de mãos postas, com os olhos alagados que nem um chafariz, para ver se conseguia livrá-lo, pois não. O sr. almirante, padrinho do «Batata» — seu filho mais novo, hoje na tropa, cotado, lá para Cabo Verde — meteu-lhe dez escudos na mão e disse-lhe, a sorrir:

— Sossegue, mulher! Não há-de ser nada! Eu não gosto de pedir à Justiça! A lei é sagrada!

E a «Joana Russa» contou ainda que ele disse uns palavreiros, muito bem ditos aliás, que ela não entendeu — mas que não livrou o seu homem, o «Xico Pé Torto» de malhar três semanas no Límocinho que o puseram chupado e com pique-pique nas costas.

A Virgínia, desembarçada de língua, meteu-se logo na conversa. Que isto de padrinhos era uma questão de sorte. O dela, por exemplo, era duque. De quê? Ah! raio de nome. Enfim, era duque, que é acima de conde. Quando a gente chega à Onda-Branda e se mete a andar, tudo aquilo é dele. Dizem até que nem sabe o que tem dele.

Pois bem: aparte o berço que ofereceu à Belinha, logo à nascença — e que foi logo direitinho para o «prego» porque não havia sítio para o pôr — só quando a criança esteve com a tosse

convulsa mandou uma carta registada com cinquenta escudos, que deu o trabalho para receber. O mestre Teodoro, sapateiro, a bambolear as pernas, saiu do vão de escada para vir dizer, com autoridade, que não era uma carta registada, mas um vale.

— Até — rememo — quem pôs o caximbo foi o Januário da tenda. Só então é que pagaram! O carceiro até disse que há trinta annos que faz serviço na área e que nunca trouxe um vale cá para o Pátio da Creng!

A Itabi cantolarava num recanto, metendo a roupa em sabão, num algaral estreito. O rapaz continuava delirando — e o filho da «Pica», oito annos irrequieto, andava todo satisfeito a riscar e guarda-lamas com uma caixa de graxa. Foi um contentamento quando a Maria José, cadiabrada, ainda com a cabeça atada do último trambolho, descobriu a buzina.

A porfia, uns atrás dos outros carregavam num boião, que deixava, no ar, um eco estridente, e depois, à susapa, ablavam a fugir. O senhor gorlo e carca, dono do carro, veio duas vezes à porta. Insultou a garotada — e fez mesmo tenção de apañar uma pedra.

O que fôste fazer, homem desgraçado! A «Joana Russa» disse logo, rangendo os dentes: Que as crianças não têm entendimento, e que um homem que bate num ente pequenino, só dando-lhe com um pano encharcado!

— Gente malcriada! Impossível! Ordindários...

Ah! figura sobrehumana de epopéia! — Ordindários? Eles ordindários, gente sossegada do Pátio da Crenga?

Oh! senhores, não vale a pena dizer mais nada. Ouvira as boas e bonitas. Era um côro de insultos. A Gabriela chegou mesmo a dizer que o carca — o insulto dá sempre intimidade — tinha cara de carteiraista. E que se tivesse muito dinheiro, que o comesse de noite e de dia, ou que o metesse noutro sítio já que os bolsos não chegavam. Mas daí a pouco tudo sereno. A Gertrudes Russa, de vestido azul, mantilha — era o lúpo de tendas da Genova que estava no Caramulo — sapatos de camurça, com tacões de bailarina, appareceu à porta com o ctraíro ao colo, todo coberto duma capa de seda cêr de rosa. Ao seu lado, inclinado, com o nariz avermelhado do alcohol, o «Zé Bate-Chapas», de calça de fantasia, uma grande águia na gravata, e polimento nos pés, atravessou o pátio a gingar, a caminho do automóvel. Tudo se calou e fez roda. O rapazão, mais aquietado, veio, também, acompanhar o cortejo. Os padrinhos, seguiram atrás. As

janelas encheram-se de cabeças. A Rosa do canto gritou pelos filhos, não fizessem eias à igreja. A vizinhança fez roda. Queriam ver o pimpinho. A Gertrudes, a sorrir, mostrou-o. La lindo. Os olhinhos azues, contentes, brilhavam. Tinha uma pele posada, de cetim, e, de chucha entalada na boca, parecia olhar admirado toda aquella gente.

Entraram no automóvel. O Teodoro sapateiro pôs-se a dizer que a igreja era um «pô-forma».

Ninguém entendeu — mas todos concordaram.

No trajecto houve discussão. A «madame» que servia de madrinha queria dar ao ctraíro o nome dum sobrinho que moerera, pequenino, com um feijão no nariz.

Mas o marido não concordava. O rapazão havia de ter o seu nome — Claudino. A Gertrudes, que fóra criada em casa dos senhores, perguntou se o pequenino não podia ter dois nomes próprios.

— Podel — dizia a «madame». E é isso mesmo que vamos fazer!

De modo que, quando o padre levou a criança dos pecados com a águia benta, o livro dos registos tinha mais um nome cristão, José Claudino, em homenagem ao padrinho, José Claudino Nunes, Limitada.

Em casa houve, então, um «cupes de águas». O «Zé Bate-Chapas» tinha mandado comprar, ao Januário da tenda, uma caixa de bolos finos — e um garrafão de abafado. O rapazão, debaixo da janella, dedicava quando lhe atiravam com um bôlo.

O vizinho Garcia emprestou o gramofone, que tinha dois fados — o Mouraria e o Sem Pernas — de se lhe tirar o chapéu. O Rufino pintor, já entrado, dedilhou dois corindinhos num banjo, que faltava uma corda. Um rancho de raparigas, alegres, que tinham falado à fábrica, cantaram, desafinadas, a marcha da Madragoa. O ctraíro, a mamar, adormeceu. Os padrinhos, satisfeitos, deram à Gertrudes uma nota grande e retiraram-se, com palmas e flores.

Mas então é que foi o bonito. Duas rodas do automóvel estavam com as câmaras de ar vazias e o depósito da gasolina, aberto, espalhara, no chão, todo o combustivel.

— Irra! Irá demais! Gente selvagem... No Pátio da Crenga nem vivalva, tudo fechado.

Mas — aqui para nós — detrás das janellas, pelos postigos, todos se ufanavam daquela partida, já que aqueles senhoritos tinham tido o desplante de os offender, acoiando-as de ordindários!

Avermelha os gengivos  
Avermelha os gengivos  
Avermelha os gengivos  
Avermelha os gengivos

**CARMIM**  
CREME  
TORERO

Pasta dentifricia  
Pasta dentifricia  
Pasta dentifricia  
Pasta dentifricia

**CARMIM**  
CREME  
TORERO

E branqueia os dentes  
E branqueia os dentes  
E branqueia os dentes  
E branqueia os dentes